

# “PALHAÇADA ESSA QUESTÃO DE LINGUAGEM NEUTRA”: APONTAMENTOS E REVERBERAÇÕES QUE IMPLICAM NO DISCURSO DE ÓDIO SOBRE A LINGUAGEM NEUTRA

“ESTE TEMA DEL LENGUAJE NEUTRO ES UNA BROMA”: NOTAS Y REVERBERACIONES  
QUE IMPLICAN DISCURSOS DE ODIO SOBRE EL LENGUAJE NEUTRO

“THIS ISSUE OF GENDER-NEUTRAL LANGUAGE IS A JOKE”: NOTES AND REVERBERATIONS  
WHICH IMPLY HATE SPEECH ABOUT GENDER-NEUTRAL LANGUAGE

Humberto Soares da Silva Lima\*  
Universidade Federal de Alagoas

Jorge Matheus Santos da Silva\*\*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Imersas nas problematizações que empreendem a área da Linguística Aplicada em relação às práticas sociais de linguagem, as discussões neste texto objetivam apontar comentários de uma publicação, em uma rede social, sobre linguagem neutra e possíveis reverberações. Para tanto, mobilizamos noções da ordem do “discurso de ódio” (Butler, 2021), “construção de sentidos sobre linguagem não-binária” (Melo; Paraíso, 2024), “linguagem como fenômeno social” (Rajagopalan, 2023), “experiências *online* e *offline*” (Signorini; Biondo, 2023) e linguagem neutra em debate (Barbosa Filho; Othero, 2022). Entendendo a pesquisa qualitativa como princípio relevante para as discussões elencadas neste momento, servimo-nos da netnografia associada a uma página do *Instagram*, no contexto do nordeste brasileiro, que aborda questões sociais, políticas e culturais. Nesse sentido, compreendemos que há discursos que reproduzem construções ideológico-partidárias hegemônicas que polarizam e evidenciam, consequentemente, um conjunto de atitudes intolerantes às diversidades e que, amalgamados em configurações extremistas, associam-se ao discurso de ódio, alicerçados muitas vezes ao entendimento da gramática tradicional da língua portuguesa como agenda política.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem neutra. Discurso de ódio. Fenômeno social. *Instagram*. Discurso.

---

\* Doutorando e Mestre em Linguística, na linha da Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL), da UFAL e professor do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) – campus Piranhas. E-mail: humberto.lima@fale.ufal.br.

\*\* Mestrando em Linguística Aplicada, na linha de Discurso e Práticas Sociais, pelo Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA), da UFRJ e bolsista CAPES. E-mail: jorgematheus@letras.ufrj.br.

RESUMEN: Inmersas en las problematizaciones que el área de Lingüística Aplicada emprende en relación a las prácticas sociales del lenguaje, las discusiones en este texto tienen como objetivo señalar comentarios de una publicación, en una red social, sobre el lenguaje neutro y sus posibles reverberaciones. Para ello movilizamos nociones como “discurso de odio” (Butler, 2021), “construcción de significados sobre el lenguaje no binario” (Melo; Paraíso, 2024), “el lenguaje como fenómeno social” (Rajagopalan, 2023), “experiencias online y offline” (Signorini; Biondo, 2023) y lenguaje neutral en el debate (Barbosa Filho; Othero, 2022). Entendiendo la investigación cualitativa como un principio relevante para las discusiones enumeradas en este momento, utilizamos la netnografía asociada a una página de Instagram, en el contexto del noreste de Brasil, que aborda cuestiones sociales, políticas y culturales. En este sentido, entendemos que existen discursos que reproducen construcciones ideológico-partidistas hegemónicas que polarizan y en consecuencia resaltan un conjunto de actitudes intolerantes con la diversidad y que, al amalgamarse en configuraciones extremistas, se asocian a discursos de odio, muchas veces basados en la comprensión de la gramática tradicional de la lengua portuguesa como agenda política.

PALABRAS CLAVE: Lenguaje neutro. Discurso del odio. Fenómeno social. Instagram. Discurso.

ABSTRACT: Immersed in the problematizations that the area of Applied Linguistics undertakes in relation to social language practices, the discussions in this text aim to point out comments from a publication, on a social network, about gender-neutral language and possible reverberations. To this end, we mobilize notions such as “hate speech” (Butler, 2021), “construction of meanings about non-binary language” (Melo; Paraíso, 2024), “language as a social phenomenon” (Rajagopalan, 2023), “online and offline experiences” (Signorini and Biondo, 2023) and gender-neutral language in debate (Barbosa Filho; Othero, 2022). Understanding qualitative research as a relevant principle for the discussions listed at this moment, we used netnography associated with an Instagram page, in the context of northeastern Brazil, which addresses social, political and cultural issues. In this sense, we understand that there are discourses that reproduce hegemonic ideological-partisan constructions that polarize and consequently highlight a set of attitudes that are intolerant of diversity and that, when amalgamated into extremist configurations, are associated with hate speech, often based on the understanding of the traditional grammar of Portuguese language as a political agenda.

KEYWORDS: Gender-neutral language. Hate speech. Social phenomenon. Instagram. Speech.

## 1 INTRODUÇÃO

Repensar o papel da linguagem e suas implicações no contexto social é, acima de tudo, entender que os processos de linguagem, determinados por todas/es/os nós, são fluidos/potentes em diversas situações em que a interação se faz presente. Estamos falando, nesse sentido, de processos de linguagem em que o movimento e a inconstância são pilares para a construção de novas compreensões sobre ela e a partir dela. Assim, assumimos, através do escopo de linguagem como ação no mundo, dentro das experiências online-offline que discorrem as interações nas redes sociais, a linguagem como movimento: processo contemporâneo entre os discursos.

Os eventos de linguagem são múltiplos, de acordo com Paiva (2019) e Santos Filho (2021), pois todos os processos que indicam interação em contexto social e político podem ser levados em consideração como pano de fundo para análises e questionamentos oriundos na Linguística Aplicada (LA). Os contextos atualmente no mundo virtual/digital conversam diretamente com questões sociais, entendendo que as dinâmicas de sentido são constituídas por fenômenos da linguagem em ambientes virtuais nas “redes sociais” (Leffa, 2016).

Nesse sentido, procurando estabelecer um conjunto de sentidos em uma postagem na rede social Instagram, na página *Cada Minuto*, no dia 9 de fevereiro de 2024, referente à proibição do uso da linguagem neutra nas escolas municipais da cidade de Marechal Deodoro, de Alagoas – nordeste brasileiro – a partir dos comentários em circulação à luz das experiências online-offline, desenvolvemos uma análise netnográfica, de pesquisa qualitativa, com o intuito de entender as ideologias que circundam os discursos frente à linguagem neutra.

Dessa forma, as discussões que se desenvolvem aqui encontram-se divididas nas seguintes seções: Linguagem e gênero; A Linguística Aplicada como movimento político-social: metodologia; Experiências online-offline e discursos de ódio: análise; e, por fim, Considerações em curso/processo.

## 2 LINGUAGEM E GÊNERO

Factualmente, até o início do século XX, o gênero era entendido enquanto um conceito próprio, uma categoria, uma ferramenta teórica das ciências humanas e sociais que visava compreender as maneiras pelas quais as identidades e as relações sociais eram construídas e reproduzidas nas diferentes culturas, tendo como base as desigualdades entre feminino e masculino.

A linguista Robin Lakoff, a partir da obra *Language and Woman's Place* (Lakoff, 1975) inicia os estudos sobre linguagem e gênero ao analisar os estilos conversacionais de homens e mulheres por meio de perspectivas de diferença, dominância e déficit. Com o avançar de investigações posteriores notou-se que o sexo biológico não é suficiente para explicar os papéis a serem desempenhados por cada indivíduo. Lauretis (2019), ao explicar o sistema de sexo-gênero enquanto estrutura conceitual nominada por cientistas sociais feministas, elucida que concepções culturais de masculinidade e feminilidade são complementares, excludentes entre si e classificadas dentro de cada cultura. Trata-se de um sistema simbólico sociocultural que hierarquiza corpos e está sempre interligado a fatores políticos e econômicos. Além disso, argumenta que gênero enquanto diferença sexual acabou se tornando uma limitação, uma deficiência do pensamento feminista.

Ostermann e Fontana (2010) apontam que, a partir da década de 1990, pesquisas passaram a contestar relações essencialistas entre linguagem e gênero, assim como investigar as complexidades em *fazer gênero* através da linguagem (Butler, 1990; Stokoe, 1998; Bergvall, 1999). No Brasil, principalmente a partir do ano 2000, é perceptível a aproximação das teorias *queer*, por vezes antagônicas às teorias feministas, aos estudos da linguagem. Em alguns aspectos, as teorias *queer* podem ser vistas como uma reação à política de identidades do feminismo (Livia; Hall, 1997) e, em outros aspectos, é válido salientar que não existe uma “teoria *queer*” no singular (Hall, 2003). Há, no entanto, diversas perspectivas, por vezes sobrepostas e divergentes entre si.

Emerge a necessidade de se discutir as normas de gênero, sexualidade, repensar o papel da linguagem, como as identidades se constituem e quais delas não são abarcadas pelas formas dominantes de discurso – a matriz heteronormativa (Butler, 1990). Nesse cenário, a Linguística *Queer* vem criticando como a heteronormatividade e a cisgeneridade são (re)produzidas ou subvertidas nas práticas discursivas. De acordo com Borba (2015, p. 94),

[...] a linguística *queer* tem se configurado como uma área de investigação que estuda o espaço semântico-pragmático entre os discursos dominantes (i.e. heteronormatividade) e a performance linguística situada e tem-se mostrado, assim, como um campo promissor para o estudo de como fenômenos macro-sociológicos que produzem certos indivíduos como seres abjetos, inferiores ou patológicos são sustentados e/ou desafiados nos detalhes mais ínfimos de nossa vida social, notadamente, a linguagem-em-uso.

Consoante Pennycook (2004) argumenta, as identidades são performadas em vez de pré-formadas. Moita Lopes (2006) aponta que a noção de performatividade preenche a lacuna na teoria pós-estruturalista no que diz respeito ao fazer do sujeito. A partir da perspectiva pós-estruturalista, o sujeito é produzido no discurso. Butler (2003, p. 53) explica que gênero “[...] é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos [i.e. a performance] no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir aparência de substância, de uma classe natural de ser [i.e. a performatividade]”. De acordo com Butler (2003), não existe referente para o eu que preceda o momento de produção discursiva. A performatividade propicia uma maneira de pensar o uso da linguagem e da identidade que foge de categorias fundacionalistas, além de fornecer a base para compreender como as línguas são recriadas.

É nesse processo de recriação das línguas que a linguagem neutra, não binária ou neolinguagem se posiciona com seu caráter subversivo. Palavras carregam consigo histórias de transformações sociais que provocam alterações da linguagem, todavia alterações

na linguagem também possuem a capacidade de propor alterações da realidade social. A criação do pronome de gênero neutro *ile*, por Pri Bertucci<sup>1</sup> e pela psicóloga Andrea Zanella, em 2014, inicia no Brasil uma tentativa de se pensar uma língua portuguesa que abarque as diversas formas de ser e que considere, principalmente, que pessoas (trans) não binárias tendem a não se sentirem representadas pelos pronomes ele e ela, já presentes na língua. , O Manifesto Ile Para Uma Comunicação Radicalmente Inclusiva, postada no *website Diversity BBox*, em 2014, é um convite a questionarmos a norma, acompanharmos o caminhar dos tempos e propõe uma mudança estrutural nos sistemas linguísticos com vistas a evitar o apagamento de performances e violências de gênero.

Violências estas que corroboram ideologias linguísticas, i.e. “[...] crenças, ou sentimentos sobre as línguas como são usadas em seus mundos sociais” (Kroskrity, 2004, p. 498). A língua portuguesa tem sido um espaço de tensão política, linguística e, sobretudo, ideológica. A noção de língua compartilhada pelas pessoas que rejeitam a linguagem neutra está fortemente amparada pela ideologia linguística do padrão monoglota, conforme delineada por Silverstein (1996) e Milroy (2011). “Um dos elementos dessa ideologia monoglota padrão é que acreditar nela equivale a uma questão de bom senso, afinal o padrão, embora não exista como coisa tangível, é um índice daquilo que é *desejável e moralmente bom*” (Lopes; Silva, 2018, grifo nosso).

Alicerçados por crenças do que seria desejável e moralmente bom para toda a população que se comunica por intermédio da língua portuguesa estão os políticos de partidos que se autodefinem enquanto *conservadores*, ao proporem leis com o objetivo negar qualquer possibilidade de aprendizado de uma linguagem neutra, principalmente, em ambiente escolar. Sobre projetos de lei contra a utilização de linguagem neutra, Barbosa Filho (2022, p. 150, grifos do autor) aponta que: “[...] nesses projetos, ‘defender a língua’ é defender tanto a ‘*norma culta*’ quanto coisas que a ultrapassam, como os ‘*valores tradicionais*’. É nesse largo campo de críticas que a linguagem neutra adquire um caráter ideológico, caráter que os projetos tentarão denunciar mediante argumentos linguísticos”.

Percebe-se, portanto, uma estratégia carregada de preconceito e intolerância da parte dos supracitados grupos de políticos, que defendem uma língua portuguesa marcada pelo sexismo, por uma hierarquização que privilegia homens cisgêneros e subalterniza os demais seres sociais.

A publicação na página do Instagram do *Portal Cada Minuto*, do dia 09 de fevereiro de 2024, será analisada neste artigo. Nela o Portal anuncia a proibição da linguagem neutra em escolas municipais de Marechal Deodoro, no estado de Alagoas, através de lei com aprovação na Câmara Municipal sancionada pelo prefeito. Por meio dos comentários é possível observar as ideologias linguísticas que têm circulado através da recepção dessa notícia, assim como se as vozes do conservadorismo têm ganhado força em ambientes online-offline, entendendo que vivemos uma imbricação do online e do offline, se tornando uma experiência única.

### 3 A LINGUÍSTICA APLICADA (LA) COMO MOVIMENTO POLÍTICO-SOCIAL: METODOLOGIA

Quando Rajagopalan (2023) diz que

O olhar do/a linguista aplicado/a é apenas uma das visadas sobre a linguagem. À medida que o/a linguista aplicado/a foi percebendo isso, o seu paulatino e progressivo distanciamento da sua “disciplina-mãe” foi se tornando inevitável. [...] o/a linguista aplicado/a se sente obrigado/a a meter a foice em searas alheias à procura de conceitos e categorias que possam ajudar a entender os fenômenos sobre a sua mira no momento. (Rajagopalan, 2023, p. 195).

Podemos compreender que o professor Raja, como é conhecido no meio acadêmico-científico das ciências da linguagem, está acadêmica e metodologicamente nos situando como pesquisadores/as comprometidos/as e “implicados/as” (Souto Maior, 2023) com os fenômenos de linguagem, em que, dadas as circunstâncias das práticas de linguagem, as nossas lentes encontram-se limpas para o foco em que se manifestam os movimentos de ação. De acordo com a defesa do autor, cabe ao/à linguista aplicado/a mergulhar em outros campos do conhecimento a fim de oportunizar novas implicações acerca dos fenômenos a serem analisados/problematizados.

<sup>1</sup> Pri Bertucci é uma pessoa não binária e ativista do movimento LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não binárias e demais orientações sexuais, identidades e expressões de gênero que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo).

O desprendimento da LA à “disciplina-mãe”, de acordo com o pesquisador, destaca novos movimentos e metodologias de pesquisa em que a construção do conhecimento se centram nas práticas e nas realizações que as linguagens demandam na contemporaneidade. Tal ação de desprendimento, que aconteceu há algumas décadas no campo de investigação das ciências da linguagem, hoje se consolida como área do conhecimento em que as suas pesquisas se comprometem com variados níveis de compreensão e entendimento da realidade social.

Política e socialmente localizada no tempo e no espaço, a LA é, nas palavras de Souto Maior (2023, p. 74),

[...] implicada pelo discurso proferido, que se encontra social e historicamente situado, e institui responsabilidade em seu dizer, a partir mesmo das próprias temáticas dos estudos, dos problemas de pesquisa, das pessoas das comunidades que compõem os grupos nas análises, da feitura do mundo descrito nas pesquisas e nos sentidos possivelmente desdobrados ao longo das produções acadêmicas.

O compromisso da LA gira em torno do social, marcando predominantemente o político, em que estão envolvidas as profusões de discursos e processos de linguagens. Conforme aponta a linguista aplicada supracitada, compreendemos que as pesquisas desse campo, por meio das pessoas e das comunidades que fazem parte delas, implicam em aguçamentos de olhares sobre a realidade posta, de modo que os variados sentidos no/pelo mundo possam ser questionados e reconsiderados. Desprendendo das pesquisas do início da década de 60 do século passado, em que o foco era o ensino de línguas – sobretudo o ensino de língua estrangeira –, hoje, as pesquisas no campo da LA estão com novos olhares e novas perspectivas/abordagens de análise, procurando sempre relacionar o social com o político, o contexto local com o global, as dinâmicas de interação que as linguagens proporcionam, implicações do regional com as pessoas e por aí. São olhares e apontamentos, através dos/as pesquisadores/as que, imersos/as em uma dada realidade como parte constituinte dela, constroem possibilidades de intervenção para alertar sobre ou minimizar sobre um fenômeno social de linguagem.

Metodologicamente, a maioria dos/as linguistas aplicados/as debruçam-se em pesquisas qualitativas em que o processo é considerado como ponto principal para as análises, deixando de lado os resultados como métodos esperados para o arremate da pesquisa. Desse modo, dentro do escopo da LA contemporânea de pesquisa, cujas fronteiras são ultrapassadas ou entrecruzadas, nosso objetivo é apontar comentários de uma publicação na rede social Instagram, de uma página de grande circulação no estado de Alagoas – Nordeste, sobre linguagem neutra e suas possíveis reverberações sociais e políticas.

As discussões aqui arroladas, dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa e de seus desdobramentos que envolvem o campo dos discursos e das linguagens, de acordo com Paiva (2019), a partir dos “movimentos contemporâneos de circulação” (Leffa, 2016) que as redes sociais produzem na atualidade, prendem-se a questionamentos e posições que assumem comportamentos os quais se alinham à aversão pela linguagem neutra. A partir dos movimentos contemporâneos de circulação em que os discursos acontecem, servimo-nos da netnografia como pressuposto teórico-metodológico para construção e análise dos dados, a fim de que estabelecer um conjunto de compreensões que giram em torno dos discursos – no caso dos comentários – com profundo diálogo com os discursos de ódio.

#### 4 EXPERIÊNCIAS ONLINE-OFFLINE E DISCURSOS DE ÓDIO: ANÁLISE

A linguagem, a partir das práticas sociais que determinam o seu fluxo, é um conjunto de ações e interações, cujos modelos de compreensão à vida humana são possíveis conforme a sua realização. A propósito, a linguagem se manifesta/materializa na concretização da/para vida humana, como um processo que se desenvolve ininterruptamente: a linguagem é contínua e é ação. Nesse sentido, podemos compreender que ela é fundamental para as relações em processo de construção que, neste caso, são as experiências online-offline: nas interações possíveis pelas redes sociais que determinam a linguagem.

As interações, compreendidas aqui como funcionamentos de linguagem à luz de comentários diversos sobre um *post*, indicam possibilidades textuais, que são funcionamentos de linguagem, sobre opiniões acerca de um fenômeno: a linguagem neutra nas escolas de um município de Alagoas. Vale ressaltar que nosso entendimento sobre interação encontra-se vinculado necessariamente às manifestações sociais que implicam as linguagens, sendo esta considerada como “fenômeno social” (Rajagopalan, 2023).

O “fenômeno social” que é/serve a linguagem – e que, portanto, traz implicações sociais, políticas, culturais e/ou regionais – indica que ela promove uma construção de possibilidades de (des)entendimentos, (in)compreensões e (re)interpretações, reiterando que não é estática nem muito menos alheia aos funcionamentos contemporâneos que urgem na atualidade. O social, dessa forma, resulta, segundo Signorini e Biondo (2023, p. 142) de características que incidem sobre “discussões incorporadas de ser e agir no mundo”.

Na contemporaneidade, as interações verbais construídas nas redes sociais são determinadas por discursos que trazem comportamentos ideológico-partidários, carregados por comentários/comportamentos e ações que condizem com relações múltiplas, a saber: compartilhamento de postagens, envio de mensagens e propagação de ideias. O movimento construído acerca das lógicas da web (os algoritmos) das redes sociais centra-se na informação e comunicação imediatas, ou seja, são mecanismos sociais que se têm nas redes sendo momentâneos e fluidos haja vista a dinamicidade de informações que são acessadas.

Os ambientes online-offline fundem-se com diversas experiências em que a linguagem é construída, de modo que, quando se trata de interação nas redes sociais e, particularmente, falando sobre o *Instagram*, os textos (comentários) são desenvolvidos por mecanismos de julgamento de valor que, geralmente, trazem uma carga significativa de “discursos de ódio” ou apologia direta à violência, como veremos a seguir. Vale frisar que a rede social *Instagram*, embora tenha uma política interna<sup>2</sup> contra todo mecanismo que incite violência, ainda é falha no quesito investigação e manutenção de seus/suas usuários/as que nem sempre são punidos/as, por meio de bloqueio das suas contas, quando propagam qualquer tipo de violência em nome da liberdade de expressão.

A página *Cada Minuto* apresenta-se no Instagram, desde 2018, e como um site de notícias e mídia com o tema “Perfil oficial do melhor site de notícias de Alagoas”. Em 15 de abril de 2024, possuía 16,3 mil publicações, 149 mil seguidores e seguia 786 outras páginas/perfis de seguidores. Inclinação às notícias sociais, culturais, policiais, políticas e regionais, os moderadores da página realizam postagens diárias com temáticas diversas, porém a ênfase maior está nas questões políticas que giram em torno do estado, prevalecendo a dinâmica de criticidade em relação ao governo estadual.

A partir das questões político-sociais que detalham o cenário atual em todo o país, em relação ao movimento crescente da extrema direita em toda América Latina e parte da Europa; no estado de Alagoas, houve uma postagem na página *@portalcadamin*, na rede social Instagram, em 9 de fevereiro de 2024, com mais de 1.662 curtidas, referente à proibição do uso da linguagem neutra por parte de uma ação do prefeito da cidade de Marechal Deodoro (região metropolitana da capital do estado Maceió), Cláudio Roberto Ayres da Costa do MDB, como se ilustra a figura 1, abaixo.

<sup>2</sup> Trata-se de um documento “Diretrizes sobre simbologia ou discurso de ódio” que tem como finalidade banir conteúdos que realizam entendimentos sobre terrorismo, crime organizado, grupos organizados de propagação de ódio, serviços sexuais, conteúdos sexuais que envolvam menores de idade, imagens íntimas, ameaças reais, intenção de degradar ou constranger alguém, automutilação, imagens explícitas por prazer sádico, discurso de ódio e outras.



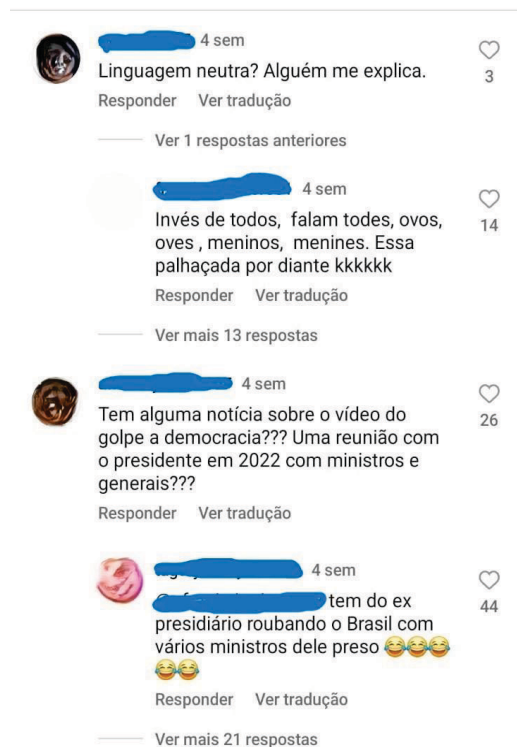
**Figura 1:** postagem em rede social

**Fonte:** @portalcadamin (*Instagram*).

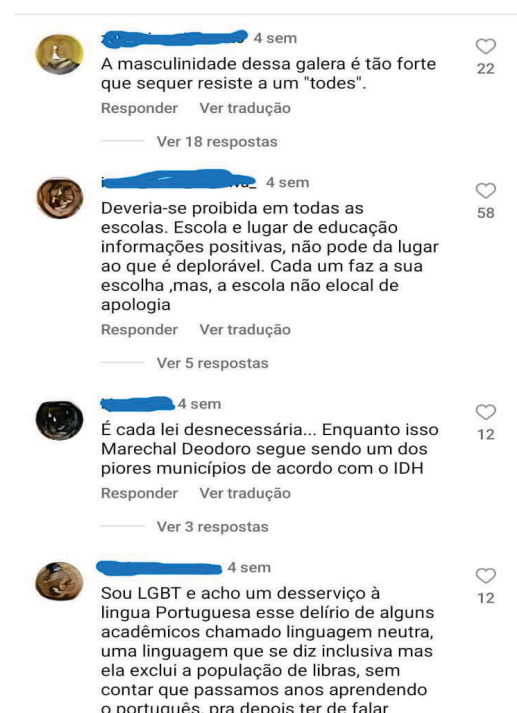
Os atravessamentos possíveis que as redes sociais implicam no mundo digital (processos de interação e compartilhamento de ideias) consistem em variadas dinâmicas de construção de sentidos, levando em consideração o que alertam Mollica e Batista (2015) sobre os “efeitos construídos e monitorados na web”. Em se tratando dos monitoramentos das construções das mídias virtuais, os movimentos de textos que circulam nas diversas redes sociais são contínuos e fluidos, haja vista a diversidade de temáticas e contextualizações que são voltadas para públicos distintos (Mollica; Batista, 2015).]

Nesse sentido, entendendo os movimentos plurais de textos que circulam nas redes, a postagem de 9 de fevereiro de 2024 dialoga com um conjunto de intenções que visa não somente deslegitimar a importância do uso da linguagem neutra nos espaços educativos, como é a escola, mas, sobretudo, desconhece as tendências e pluralidades linguísticas que demandam o uso da língua. Não se trata aqui de pontuarmos os motivos da proibição que levaram à publicação da portaria oriunda da prefeitura da cidade de Marechal Deodoro, mas ressaltamos os “discursos de ódio” que reverberam em posicionamentos carregados por desconhecimento, associados a uma “lógica antiprogressista do discurso” – como será discutido mais à frente.

## Comentários



**Figura 2:** postagem em rede social  
**Fonte:** @portalcadamin (Instagram)



**Figura 3:** postagem em rede social  
**Fonte:** @portalcadamin (Instagram)



Os universos que permeiam as experiências online-offline, de usuários/as conectados/as à rede social Instagram, em relação aos comentários que são inclinados aos discursos de ódio, circulam nas redes sociais, principalmente quando são entendidos como manifestações de opiniões acerca da máxima “liberdade de expressão”. Nesse sentido, os discursos que se assemelham ao discurso de ódio, de acordo com Butler (2021), são mascarados de liberdade de expressão de modo que, inclinados ao entendimento da extrema direita, proliferam violência, intolerância e incompreensão – em nome de uma verdade associada à gramática normativa da Língua Portuguesa – como regime absoluto de verdade, quando o assunto é a linguagem neutra.

No caso da figura 2, notamos que o jogo de discursos funciona como um movimento em ascensão que é construído a partir das realidades vivenciadas no cenário político brasileiro. Há embates discursivos que são detalhados entre os/as usuários/as com o intuito de evidenciar a feição política: nos últimos comentários, há um reforço apelativo acerca da política em nível presidencial – “*Tem alguma notícia sobre o vídeo do golpe a democracia??? Uma reunião com o presidente em 2022 com ministros e generais???*”. Vemos aqui um exemplo referente ao golpe<sup>3</sup> que o Brasil sofreu em 8 de janeiro de 2023, assim como uma referência aos momentos de reunião em que o ex-presidente realizava junto com sua equipe composta por ministros e generais.

Em seguida, temos contato com outro comentário-resposta – “*Tem do ex presidiário roubando o Brasil com vários ministros dele preso*” – indicando, politicamente, uma crítica a um momento da história em que o atual presidente sofreu represálias frente a investigações políticas contra às suas atuações. Além disso, o comentário-resposta, como um comportamento que se alinha à direita, traz um movimento que não compreende a importância do uso da linguagem neutra assim como se distancia das ideias que podem estar relacionadas às ações sociais e culturais em perspectiva progressista.

Ainda na figura 2, os primeiros comentários registram, de certa forma, um desconhecimento acerca da linguagem neutra, direcionando apontamentos que se interligam com discursos de ódio. Afinal de contas, o discurso de ódio também está mascarado pejorativamente em mecanismos jocosos, como no trecho – “*Essa palhaçada por diante kkkkkk*” – em que a associação ao riso simboliza a falta de conhecimento sobre a temática. O discurso de ódio, associado ao conjunto de relações sobre a linguagem neutra, configura um conjunto de ações que podem ser questionadas em – “*Invés de todos, falam todes, ovos, oves, meninos, meninas...*” – enaltecendo um total desconhecimento e, conseqüentemente, distanciamento sobre o uso político e social dos recursos linguísticos da linguagem neutra.

No caso da figura 3, entrando especificamente em questões de gênero, percebemos que há um processo de jogo em disputa em que todos os comentários corroboram com ideias socialmente marcadas, a saber: masculinidade frágil (primeiro comentário), ideologia da “escola sem partido” (segundo comentário), preocupação com a cidade (terceiro comentário) e a ideia de gramática normativa como legítima para o ensino (quarto comentário). Embora os comentários envolvam questões que se separam, em um primeiro momento, nas discussões, os apontamentos discursivos acerca da linguagem neutra caminham juntos, envolvendo, dessa forma, de acordo com os linguistas Melo e Paraíso (2024), vários posicionamentos político-ideológicos.

Os autores supracitados realizam um apanhado interessante quanto aos sentidos que são empregados na linguagem não-binária nos projetos de lei brasileiros, envolvendo aspectos sociais, políticos e regionais que se confundem com as demandas de intolerância que estão sobre os usos dessa linguagem em seus recursos linguísticos. Eles trazem a seguinte discussão frente às justificativas dos projetos de lei, que

Esses argumentos funcionam como cortina de fumaça para a antiga postura silenciadora de uma sociedade tradicional em relação a grupos de vanguarda política na dissidência de gênero e sexualidade, como é o caso das pessoas trans não binárias – identidade-alvo na produção e reelaboração da LNB nos projetos aqui analisados. (Melo; Paraíso, 2024, p. 269).

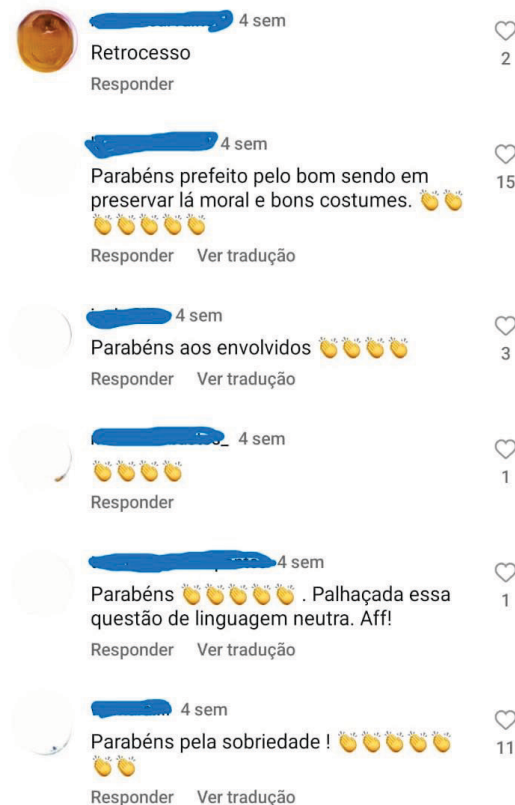
<sup>3</sup> Apoiadores/as do ex-presidente, com ideias e comportamentos centrados à extrema direita, invadiram e depredaram as sedes dos três poderes, em Brasília, como resposta negativa à vitória de um representante do povo do Partido dos Trabalhadores (PT), o atual presidente da república do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, de esquerda, que ganhou legítima e democraticamente as eleições em 2022.

Procurando entender como funcionam as questões que impedem o uso da linguagem não-binária em diversos espaços, mas, sobretudo, no escolar, os linguistas se posicionam de forma necessária a fim de esclarecer que a sociedade está em processo de entendimento frente às dissidências sexuais e de gênero e que as pessoas precisam ser entendidas nas suas subjetividades. O conservadorismo abrange um conjunto de comportamentos e métodos/attitudes que miram exclusivamente na família tradicional e na compreensão dos bons costumes, isto é, tudo que vai contra ao entendimento de família dentro da sua moralidade deve ser excluído e aniquilado, como enfatiza Butler (2021).

Os comentários da figura 3, nesse sentido, mais precisamente o segundo e o quarto, reforçam ideias de conservadorismo: (a) estabelecendo a ideia de educação tradicional (deixando de lado diversas questões progressistas que são interpretadas como apologia a algo) e (b) entendendo a ideia de educação inclusiva em detrimento à linguagem neutra. Podemos compreender que a construção dos discursos de ódio, à luz das questões que implicam o uso de novos recursos linguísticos como a linguagem neutra, está relacionada a um movimento de exclusão e, em alguns momentos, de ignorância por parte de quem se utiliza do ódio.

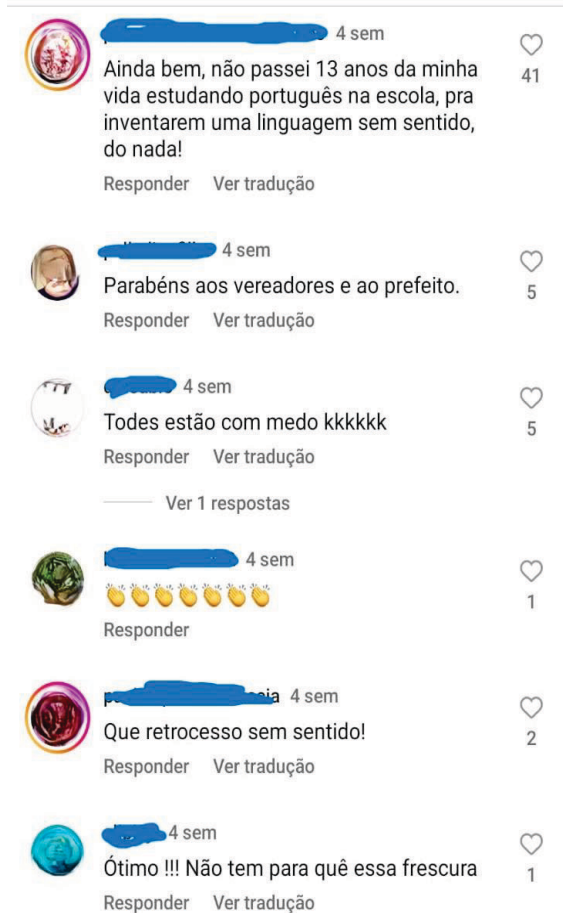
As dinâmicas construídas nos comentários da figura 3 enviesam entendimentos possíveis sobre a configuração social em que a sociedade se encontra, valorizando crenças tradicionais (*“Escola e lugar informações positivas [sic]”*): segundo comentário e (*“acho um desserviço à língua portuguesa”*): quarto comentário. Barbosa Filho e Othero (2022), comprometidos com as discussões que versam sobre a linguagem neutra na escola, compreendem que os posicionamentos referentes aos usos são legítimos e constantes na sociedade, valorizando aspectos de inclusão e compreensão de pessoas que foram, historicamente, esquecidas e propositalmente deixadas de lado.

Sobre esse aspecto, observamos as figuras 4 e 5 que endossam variados mecanismos de intolerância e total desconhecimento sobre o uso da linguagem neutra.



**Figura 4:** postagem em rede social

**Fonte:** @portalcadamin (Instagram)



**Imagem 5:** postagem em rede social

**Fonte:** @portalcadamin (*Instagram*)

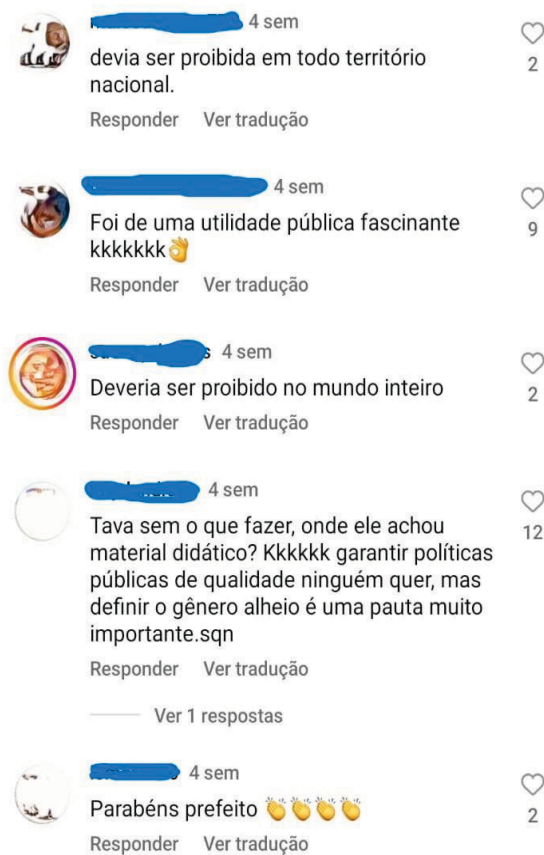
Diante dos efeitos que são produzidos e mascarados por meio do discurso de ódio, percebemos que na figura 4 há uma autorização e um apoio ao prefeito, por meio de recursos semióticos (as palmas), legitimando a ideia da proibição do uso da linguagem neutra, sendo esta entendida como um “retrocesso”: comentário primeiro. Aqui, entendemos que se trata de uma construção política que enviesa a discussão acerca dos marcadores possíveis de gênero, os quais indicam relações sociais de interpretação e agrupamento de reforço, ou seja, na medida em que os comentários contrários à linguagem neutra são postados, há vários reforços que se somam à ideia de aversão.

Apesar de haver apoio e autorização à ação do prefeito, compreendemos ainda que há alguns comentários que se distanciam das ideias avessas ao uso da linguagem neutra, entendendo que se trata de um posicionamento autoritário-ditatorial quanto ao movimento orgânico dos usos da linguagem. O comentário quinto, ainda na figura 4, ressalta um movimento interessante que subjaz à ideia da ridicularização, “*Palhaçada essa questão de linguagem neutra. Aff!*”, como se a associação ao uso da linguagem correspondesse socialmente ao ridículo, hilário, cômico. Todavia entendemos que se trata de uso político e militante-social, de maneira que evidencia a existência de pessoas atuantes e críticas no/pelo mundo.

Santos Filho (2021, p. 1273), levantando discussões sobre a linguagem não-binária na escrita acadêmica e realizando um apanhado conceitual acerca das movimentações discursivas que implicam na engrenagem da linguagem, reflete sobre os diversos usos e assegura que é preciso “[...] provocar certos/urgentes deslocamentos de sentido, atuando na microfísica das tramas de forças do dizer científico, de modo a gerar conhecimento a todes”. O autor, compreendendo as forças que cercam o dizer científico, na construção das relações de poder que estão no meio acadêmico, argumenta que o movimento da linguagem é marcado por mecanismos e comportamentos de fluidez, endossando a construção social e significativa que a língua possui.

Os deslocamentos de sentido que podem ser gerados nos comentários da imagem em questão, por um lado, indicam aprofundamento na individualização dos efeitos sociais com as causas de gênero e, por outro, correspondem, como refletem Barbosa Filho e Othero (2022), em posturas de total aversão às pessoas que não se enquadram à cis-heteronormatividade. O debate se faz importante e necessário porque joga luz à construção empática de pensarmos que, a partir de um jogo simbólico de linguagens em que pessoas se encontram imersas, podemos estabelecer critérios de sentidos para pessoas que não pertencem hegemonicamente a um determinado grupo e que, por meio da linguagem, a sua existência e a sua ação no mundo podem ser consideradas como acontecimentos. É através da linguagem que as pessoas e as coisas existem.

Na figura 5, assumindo as considerações de Barbosa Filho e Othero (2022), quanto aos mecanismos que orientam as dinâmicas de sentido sobre o uso da linguagem neutra, refletimos a partir dos comentários postos que, de maneira categórica, o receio do uso de tal linguagem é marcado. Levando em consideração que os comportamentos discursivo-corpóreos são estabelecidos por reforços retóricos que desacreditam na linguagem neutra, a saber: “*Todes estão com medo kkkkkk*”, comentário terceiro; “*Que retrocesso sem sentido!*”, comentário quinto; e “*Ótimo!!! Não tem pra quê essa frescura*”, comentário sexto, percebemos novamente que a falta de conhecimento mínimo é presente nos comentários.



**Figura 6:** postagem em rede social

**Fonte:** @portalcadamin (Instagram)

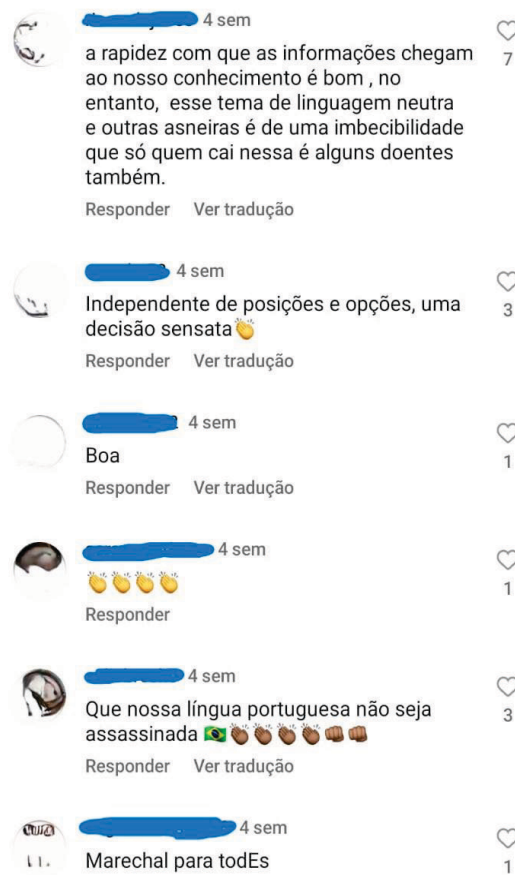


Figura 7: postagem em rede social

Fonte: @portalcadamin (Instagram)

Entendemos que os comentários são construídos ideologicamente e que, portanto, são provenientes de uma lógica antiprogressista do discurso, ou seja, indica um movimento que é concebido a partir da ausência de conhecimento, dialogando estratégica e intencionalmente com **ideias** que funcionam como tripé discursivo da extrema direita, de modo que proporciona um funcionamento de atitudes e comportamentos que não viabilizam margens para o social. Nesse caso, entendemos que a lógica antiprogressista do discurso vai de encontro ao mecanismo social e político que é construído por grupos considerados minoritários socialmente.

Dentro do entendimento da lógica antiprogressista do discurso, notamos sua presença nas figuras 6 e 7, de maneira que implicam funcionamentos distantes daquilo que acreditamos como legítimo e possível para os usos possíveis nas linguagens. Dessa forma, os comentários das imagens em tela corroboram com posicionamentos que evidenciam ações no/pelo mundo, suscitando forças que têm ganhado proporção em todas as regiões do Brasil e, no Nordeste, mais precisamente, como uma resposta contrária ao movimento liberal na política.

Na figura 6, resgatando os elos midiáticos que se somam nas interações oriundas das redes sociais analisados por Mollica e Batista (2015), como construções discursivas de fenômenos linguísticos e semióticos, as relações discursivo-corpóreas encontradas comentários implicam em construções que se distanciam do tempo e do espaço, a saber: “*devia ser proibida em todo o território nacional*”, comentário primeiro; “*Foi uma utilidade pública fascinante kkkkkkkk...*”, comentário segundo; “*Deveria ser proibido no mundo inteiro*”, comentário terceiro; “*Parabéns prefeito...*”: comentário quinto. As relações discursivo-corpóreas espriam-se no campo do discurso em um movimento que dialoga com o imaginário social e que, ao mesmo tempo, perpassa os limites do corpo “território nacional”, “proibido no mundo” e “parabéns prefeito”, ou seja, são ideias que valorizam o pensamento do eu em detrimento ao pensamento do coletivo ou do outro.

Na figura 7, ainda em relação ao que discutem Mollica e Batista (2015) à luz das interações nos ambientes virtuais das redes sociais, podemos notar que o comentário primeiro *“a rapidez com que as informações chegam ao nosso conhecimento é bom, no entanto, esse tema de linguagem neutra e outras asneiras é de uma imbecilidade que só quem cai nessa é alguns doentes também.”*, carregado de discurso ofensivo, entende que as informações são fluidas, porém o jogo discursivo de ódio é acionado como uma construção de deslegitimação em relação às identidades das pessoas trans ou não-binárias. Dialogando com as esferas pública e a privada, no sentido do campo do discurso contemporâneo, a linguagem neutra pretende oportunizar visibilidades das existências, indicando representações linguístico-identitárias.

O último comentário da figura em questão, *“Marechal para TodEs”*, evidencia novamente um desconhecimento político e social acerca da linguagem neutra, reduzindo-a à forma nominal, uma vez que, de acordo com Santos Filho (2021), há várias outras possibilidades e estruturas que exemplificam a manifestação da linguagem neutra, tais como: uso dos pronomes indefinidos (*ume, umes*); uso dos pronomes definidos (*le, les*); marcação de dois gêneros com masculino zero no plural (*professories*); marcação de dois gêneros com flexão (*outres*); referência a não-binários (*elu*) e por aí vai.

O que podemos notar nas construções discursivas referentes à postagem sobre a proibição da linguagem neutra nas escolas do município de Marechal Deodoro é que o desconhecimento coletivo da maioria das pessoas que interagiram na página @portalcadamin quanto à dinamicidade que se tem na língua, atrelado a ideologias alicerçadas em discurso de ódio favorecem, consequente e intencionalmente, a um conjunto de atitudes intolerantes. Bagno (2019, p. 16) diz que *“Toda e qualquer maneira de falar vale ouro na luta contra o fascismo”*. Nesse caso, entendemos que as diversas possibilidades de desenvolver os mecanismos da linguagem funcionam como ferramentas e estruturas políticas contra as formas de intolerância: machismo, misoginia, feminicídio, etarismo, LGBTfobia e fascismo e tantas outras intolerâncias.

## 5 CONSIDERAÇÕES EM CURSO/PROCESSO

Considerando os conjuntos de análise aqui desenvolvidos, sem a intenção de esgotar as infinitas possibilidades que deixamos de lado, entendemos o que conversa Leffa (2016, p. 139) sobre as informações que envolvem as dinâmicas das redes sociais, dentro da compreensão do ensino de línguas, como *“interação metalinguisticamente autêntica”*, de maneira que proporciona conhecimentos múltiplos. Nesse sentido, os movimentos que envolvem as redes sociais na contemporaneidade, em meio às explosões de notícias que circulam, são determinados por interações constantes, entendendo que os/as usuários/as são interpelados/as por informações que chegam a todo momento.

Os universos digital e tecnológico se encaminham para novas estratégias de textos e, consequentemente, para novas discussões que podem ser entendidas como necessárias na atualidade, visto que as dinâmicas do digital são fluidas e contínuas quando se trata de propagação ideológica de ideias e informações. Há saberes múltiplos (conhecimentos provenientes de diversas áreas assim como apontamentos para o Sul global como posicionamento político e social) que podem ser atrelados ao ensino como maneira de minimizar e amenizar ideias e comportamentos considerados estratégica e culturalmente conservadores, de modo que enfatizem pessoas e grupos sociais em situação de vulnerabilidade social e política.

Em Silva Lima (2022), numa proposta de ensino de Língua Portuguesa voltado para perspectiva da diversidade nos estudos de gênero, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as discussões sobre o ensino de Língua Portuguesa com as práticas sociais de linguagem e com as diversidades que asseguram o documento oficial estão centradas em um conjunto de representatividades, cujo entendimento de ensino gira em torno do *“protagonismo dos/as estudantes como emergente no campo da diversidade”* (Silva Lima, 2022, p. 240). O contexto particular do ensino de Língua Portuguesa pode ser (re)significado e (re)pensado como espaços de debate e construção de sentidos em relação à perspectiva dos estudos de gênero, considerando que as demandas que os/as estudantes trazem à escola são muitas e, uma delas – sem dúvidas – é a discussão necessária acerca das sexualidades, dos gêneros, das normatividades, dos conceitos de família, das intolerâncias postas no mundo, dos significados compartilhados como padrão e por aí vai.

Desse modo, a partir dos múltiplos sentidos que são construídos à luz da linguagem neutra, nos espaços de construção/interação, podemos alertar que há a necessidade de mais conhecimento e debate que possam oportunizar dinâmicas de sentido frente aos universos de uso da linguagem neutra. Além disso, os conhecimentos que evidenciam o uso da linguagem neutra estão centrados em comportamentos empáticos que visam promover inclusão e equidade, pois, ao tratarmos sobre pessoas socialmente excluídas, podemos determinar que os usos dos recursos linguísticos citados anteriormente precisam ser efetivados em nossas práticas sociais. O uso da linguagem se distancia de ser uma palhaçada, como foi visto em um dos comentários, a não ser que seja voltado para explicar algum fenômeno de linguagem em que o riso seja o foco em questão, o que não se trata do caso aqui, e nem tampouco precisa ser considerado com desprezo pela escola nem pela sociedade, uma vez que as representações de pessoas e grupos sociais são evidentes em todos os seus contextos. Portanto, mais do que nunca, precisamos compreender e defender os diversos usos e níveis de linguagem, a fim de construirmos uma sociedade menos preconceituosa e mais igualitária para todos nós.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. *Objeto língua*. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- BARBOSA FILHO, F. R.; OTHERO, G. A. (org.). *Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022.
- BERGVALL, V. L. Toward a Comprehensive Theory of Language and Gender. *Language in Society*, v.28, n. 2, p. 273-293, 1999.
- BERTUCCI, P.; ZANELLA, A. Manifesto Iê Para Uma Comunicação Radicalmente Inclusiva. In: SSex BBox. **Diversity BBox**, 2014. Disponível em: <https://diversitybbox.com/manifesto-ile-para-uma-comunicacao-radicalmente-inclusiva/>. Acesso em 30 mar. 2024.
- BORBA, R. Linguística *queer*: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. *Revista Entrelinhas*. São Leopoldo (RS), v. 9, n. 1, p. 91-107, 2015.
- BUTLER, J. *Discurso de ódio*: uma política do performativo. Tradução: Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero* - feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.
- HALL, D. E. *Queer Theories*. Londres: Palgrave, 2003.
- KROSKRITY, P. V. Language ideologies. In: DURANTI, A. (ed.). *A Companion to Linguistic Anthropology*. Blackwell Publishing, 2004. p. 496-517.
- LAKOFF, R. *Language and Woman's Place*. New York: Harper & Row, 1975.
- LAURETIS, T. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, H. B. (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 206-242
- LEFFA, V. Redes sociais: ensinando línguas como antigamente. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (org.). *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* 1. ed. São Paulo: Parábola, p. 137-153, 2016.
- LIVIA, A.; HALL, K. (org.). *Queerly Phrased: Language, Gender and Sexuality*. New York: Oxford University Press, 1997.

- LOPES, A. C.; SILVA, D. N. Todos nós semos de frontera: ideologias linguísticas e a construção de uma pedagogia translíngua. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 18, n. 3, p. 695-713, 2018.
- MELO, I.; PARAÍSO, G. J. B. Projetos de lei brasileiros sobre linguagem não-binária. *Periódicus*, Salvador, n. 20, v. 1, p. 255-272, 2024.
- MILROY, J. Ideologias linguísticas e as consequências das padronizações. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (ed.). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MOLLICA, M. C.; BATISTA, H. R. Efeitos da web nos estilos monitorados. In: MOLLICA, M. C.; PATUSCO, C.; BATISTA, H. R. (org.). *Sujeitos em ambientes virtuais: festschriften para Stella Maris Bortoni-Ricardo*. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2015. p. 67-85.
- OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (org.). *Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PAIVA, V. L. M. de O. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.
- PENNYCOOK, A. Performativity, and Language Studies. *Critical Inquiry in Language Studies: An International Journal*, 1/1, p. 1-19, 2004.
- RAJAGOPALAN, K. A disciplina chamada linguística aplicada e as contribuições de Luiz Paulo da Moita Lopes. In: FABRÍCIO, B. F.; BORBA, R. (org.). *Oficina de Linguística Aplicada INdisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2023. p. 193-212.
- SANTOS FILHO, I. I. dos. Afrontas queer/cu-ir: linguagem não binária na escrita acadêmica (implicações políticas e possibilidades). *Revista da ABRALIN*, v. 20, n. 3, p. 1256-1275, 2021.
- SIGNORINI, I.; BIONDO, F. (Des)construções das categorias identitárias mulher “de verdade” e mulher feminista em página do Instagram. In: FABRÍCIO, B. F.; BORBA, R. (org.). *Oficina de Linguística Aplicada indisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2023. p. 139-171.
- SILVA LIMA, H. S. da. BNCC e diversidade/estudos de gênero: proposta para o ensino de Língua Portuguesa. In: STURM, L.; SOUTO MAIOR, R. C. (org.). *A Linguística Aplicada no ensino e aprendizagem e nos estudos discursivos*. Tutoia, MA: Diálogos, 2022. p. 212-247.
- SILVERSTEIN, M. Monoglot ‘standard’ in America: Standardization and metaphors of linguistic hegemony. In: BRENNEIS, D.; MACAULAY, R. K. S. (ed.). *The matrix of language: contemporary linguistic anthropology*. Westview, 1996.
- SOUTO MAIOR, R. C. A Linguística Aplicada e a implicação na pesquisa: uma leitura bakhtiniana. In: OLIVEIRA JR, M.; MEDEIROS, A. C. M. de (org.). *30 anos do PPGL/UFAL*. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 52-77, 2023.



STOKOE, E. H. Talking About Gender: The Conversational Construction of Gender Categories in Academic Discourse. *Discourse & Society*, v. 9, n. 2, p. 217-240, 1998.



Recebido em 28/08/2024. Aceito em 04/09/2024.